

RESENHA: Língua: objeto de estudo, patrimônio do povo

Referência da obra resenhada:

BAGNO, Marcos. *Objeto língua*. São Paulo: Parábola, 2019. 261 p.

Débora Santos Oliveira¹

O livro *Objeto Língua* (2019) é uma obra escrita e publicada por Marcos Bagno, uma formidável exposição que traz contribuições para o estudo da língua no âmbito da Sociolinguística. A inspiração para o título encontra-se na famosa frase do pai da Linguística, Ferdinand Saussure (1916), da obra póstuma *Curso de Linguística Geral*: “é o ponto de vista que cria o objeto”. O autor afirma que o linguista, primeiro, constrói seu objeto e, depois, o estuda; possibilitando, assim, haver muitos pontos de vista a permear os estudos sobre a língua.

Marcos Araújo Bagno dedicou sua vida e trajetória profissional ao estudo das variações e diversidades da língua. Polêmico, conhecido por tratar de assuntos relativos à discriminação no modo de falar dos indivíduos em uma sociedade – a brasileira – que admite, com muita naturalidade, a consideração de que os erros de português são cometidos apenas pelos pobres, analfabetos, semianalfabetos, os quais são excluídos e criticados pela elite que alega saber mais e melhor a língua. É pelo fato de estar sempre em defesa das variantes não elitizadas e valorizar a variedade dessa minoria excluída pela elite, que Bagno coleciona muitas inimizades entre linguistas e gramáticos conservadores e tradicionalistas.

Graduado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É professor Associado do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UNB), colaborador do Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e autor

¹ Graduada em Letras Língua Portuguesa/Língua Inglesa pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Sinop. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop, na área de Estudos Linguísticos. E-mail: debora.oliveira@unemat.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6408-8070>.

de obras publicadas como: *A língua de Eulália – novela Sociolinguística* (1997); *Preconceito linguístico – o que é, como se faz* (1999); *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa* (2001); *Língua materna – letramento, variação e ensino* (2002); *A norma oculta – língua & poder na sociedade brasileira* (2003); *Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística* (2007); *Não é errado falar assim – em defesa do português brasileiro* (2009); *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2012); *Gramática de bolso do português brasileiro* (2013), dentre as principais, e sua mais atual obra que será resenhada aqui, *Objeto Língua* (2019).

Objeto Língua (2019), segundo o autor, trata-se de obra inédita formada por textos revisitados e revistos oriundos de blogs, artigos de revistas acadêmicas, participações em conferências e capítulos de livros, alguns revisados dentro de suas concepções atuais e outros inéditos. São textos cujo objetivo está em trazer, ao leitor, o ponto de vista do autor acerca do que tem observado sobre a língua, ao longo de sua trajetória como pesquisador.

Com textos sempre voltados para os estudos das questões da língua, linguagem, ensino, política linguística, essa obra é considerada um balanço, apanhado geral de toda uma vida como escritor, porém, em alguns casos, com outros olhares e perspectivas que resultaram na reelaboração profunda desses textos. Reescritos com novas referências bibliográficas, discussão mais atualizada, em alguns casos há entrelaçamento de dois textos em um só, como se um estivesse complementando o outro, por isso é apresentado como material novo, além de inserir, nos textos, a fala do autor acerca de sua trajetória em congressos e eventos.

A obra resenhada apresenta um texto inicial intitulado: “Primeiras Palavras”, depois 14 textos que exploram a questão da língua na sociedade como fenômeno social, cultural, histórico e político, encerrando com uma crônica a que o autor dá o título de: “As cinco últimas palavras”.

Iniciando com “A norma culta que se lasque!”, texto em que discorre sobre a acusação feita aos estudiosos da língua, em especial aos sociolinguistas: “o vale tudo”. Toda língua varia no espaço e muda com o tempo e Bagno traz, como argumento, o fato de que quando um modo de falar se torna comum também nas classes mais prestigiadas, ele deixa de ser um “erro”. Considera que a avaliação social Linguística é

o que os sociolinguistas mais estudam e defende, ainda, que passou da hora de se aceitarem as mudanças e inovações linguísticas, normalmente empregada por todos.

Relata também que a parcela do topo da pirâmide, que representa 20%, é a que rejeita alguns falares vindos das classes menos prestigiadas. Ou seja, quando alguém que pertence ao grupo de prestígio, letrado, fala “errado”, é considerado “norma culta”, porém, quando uma pessoa de classe baixa, emprega expressão “inadequada” é considerado “erro”. Admite que, por muitos anos, defendeu o conceito de norma culta utilizada pelas camadas mais letradas, mas que, hoje em dia, está mudando sua visão e perspectiva sobre esse viés. Para isso, na intenção de fundamentar mais adequadamente seus ideais, ele retoma alguns acontecimentos políticos e sociais.

Assim como os impasses sociais que o país vem apresentando, Bagno reflete sobre a liberdade da língua e considera a luta por essa liberdade algo a mais, diante de outras batalhas como, por exemplo, conquistas da mulher, negros e pobres pelo seu espaço na sociedade. O autor tece severas críticas à política atual e faz uma analogia, sugerindo “que a norma culta que se lasque” (BAGNO, 2019, p. 16), exemplificando que falar certo não garante crescimento e prestígio social a ninguém.

As pessoas que fazem parte da minoria (representativamente a maioria da população), por mais que falem corretamente, se pertencentes à classe baixa ou forem negros ou pobres, esses indivíduos nunca alcançarão a ascensão social. O falar e escrever “correto” “padrão” e idealizado ou mais culto possível, não garante nada a ninguém, é mais uma questão de onde e qual camada social a que o indivíduo pertence, é a questão social que define se o sujeito é culto ou não. Por fim, Bagno afirma que, diante dos fatos políticos sociais atuais, como linguista defende tudo sim a respeito da língua, ou seja, todos os modos de falar, inclusive os das classes mais oprimidas, têm o seu valor.

No segundo texto “Com as ferramentas do patrão? Até quando?”, retoma fatos ocorridos em sua vida familiar, relatando como conviveu com comunistas conservadores, dentre esses, seu próprio pai, que tinham personalidades machistas e preconceituosas, um grupo de pessoas brancas, pertencentes a uma classe média letrada que defendia seus ideais conservadores, não enxergando ou se negando a enxergar sua própria condição na sociedade da época. Relata, ainda, o surgimento da classe trabalhadora frente à perplexidade dos conservadores diante dos trabalhadores,

expondo o seu desejo, na época, de ser igual a seu pai; porém, outros motivos ideológicos internalizados nele fizeram com que este se opusesse aos ideais de seu pai.

Bagno reconhece ainda as lutas sociais e a necessidade de uma revolução e enfatiza que muito do seu modo de encarar essas lutas sociais vem de seu convívio no casamento, que durou 15 anos, com uma mulher negra, pobre, nordestina, de pais analfabetos e que passou fome. Há alguém melhor para ensinar Bagno sobre preconceito? Foi esse convívio que inspirou Bagno a publicar seu livro *Preconceito Linguístico* em 1999, 12 anos após seu casamento e a versão original de sua obra traz, na capa, a foto de seus sogros. Após escrever parte da sua história, o autor volta ao assunto do primeiro texto e reafirma se “opor” ao termo adequação que ele mesmo já defendera num dado momento, mas que hoje defende outra percepção.

Primeiro, acreditava que o sujeito podia falar da forma que quisesse desde que soubesse adequar sua fala ao ambiente onde estivesse inserido. Hoje, acredita que a chamada “adequação” seja uma forma hierárquica de todos se sujeitarem a normas padrões e impostas por uma minoria que impera na classe privilegiada.

Bagno, no segundo texto, resgata personagens militantes, resistentes contemporâneos para fundamentar sua fala, quando reafirma, mais uma vez, que uma mulher negra, por mais culta que seja, por mais corretamente que fale, isso não acarretará sua ascensão diante da sociedade; pois, ao se comparar essa mulher negra letrada, com um branco não letrado, este terá melhores oportunidades que aquela. A voz da mulher negra é silenciada e, para ratificar esse entendimento, o autor retoma a morte que foi silenciada de Mariele Franco. O autor traz fatos recentes da nossa sociedade que reafirmam sua visão de tudo que compõe a Sociolinguística. Um desabafo, um apelo, chamando atenção para o que acontece quando a minoria tenta alcançar o mais alto escalão da sociedade brasileira.

Marcos Bagno, em conjunto com alguns linguistas, há muito tempo tem discutido sobre uma reforma na norma padrão, para que essa se aproxime do uso efetivo do português brasileiro atual. Mas esse projeto tem como objetivo se aproximar da norma culta utilizada na zona urbana, letrada que representa uma minoria privilegiada, gerando uma polêmica acerca da exclusão que essa reforma pode fomentar. Porém, a própria classe média fomenta esta polêmica, talvez pelo fato de essa não querer se rebaixar,

não aceitar que todos falem e escrevam como ela. O projeto tem um propósito coerente de reformar o padrão linguístico, mas há resistência. O autor retoma, a todo o momento, sobre a maioria das pessoas sem prestígio social (mulheres, negros, indígenas, trabalhadores, sem teto, lésbicas, homossexuais e etc.) e que todos não querem esperar a revolução para conquistar seu espaço.

Ao final, o autor deixa claro que ainda defende a legitimidade de todas as formas prestigiadas de falar e escrever, porém não acredita que sua valorização seja suficiente para favorecer uma ascensão social. Além de enfatizar sobre a minoria, que na verdade corresponde à maioria de pessoas da sociedade brasileira, Bagno traz a lembrança de Karl Marx para dizer que, além de interpretar e descrever as relações da língua, está na hora de agir e transformá-la.

No terceiro texto “A língua é fascista”, o autor traz frases recortadas de textos, buscando demonstrar como uma frase solta, fora do seu contexto, pode gerar inúmeras interpretações, na maioria das vezes interpretações que distorcem seu real sentido. Demonstra como a gramática se difere e se assemelha a de outras línguas nas questões de gênero, verbo e número. Finaliza enfatizando que o termo “fascismo” da língua refere-se a um modo de “falar” do qual ninguém pode escapar, pois esta condição obriga a falar de tal modo e não de outra forma.

No texto 4, “Toda língua é um museu”, o autor retoma narrativas que demonstram a origem das palavras, seja na escrita ou na oralidade. Decerto se sabe que os falantes transformam suas línguas a todo o instante, o que é usado na fala de hoje não era em tempos atrás. Mesmo com essas mudanças, em algumas comunidades, ainda permanecem enraizadas algumas falas bem antigas conservadas como que em um museu, devido ao próprio recurso histórico.

Isso ocorre com frequência com as variedades rurais, pois, em razão de serem mais afastadas dos centros urbanos, elas se mantêm mais conservadoras e preservando dizeres que já não são mais utilizados na variedade urbana. Isso não faz da fala rural uma fala “errada”, visto que já foi utilizado em tempos antigos e continua cumprindo seu papel. Neste texto, o autor mostra que, apesar das mudanças ocorridas na língua durante séculos, ainda existem algumas palavras ou termos que se preservam, resistem às transformações, fato que ocorre em grande escala na zona rural

e comunidades mais afastadas ou que, ao longo do tempo, foram colonizadas de modo tardio.

Em “De alunos de alma” no sexto texto do livro, são resgatados aspectos da etimologia, a origem das palavras e seus significados, retoma-se a história da língua e sua transformação ao longo do tempo. O autor demonstra como diversas línguas contribuíram com o surgimento do português, enriquecendo ainda mais esse texto encantador que abre caminhos ao conhecimento de nossa língua. O autor não vê os alunos como uma tábula rasa, sem luz, há respeito com todo o conhecimento que os alunos trazem. Bagno trata da etimologia das palavras “aluno” e “adolescente” e enfatiza sobre o absurdo de dizer que “aluno” significa “sem luz”.

No sétimo texto, intitulado como “Norma culta? Norma oculta? Norma culta!”, o autor faz lembrar alguns conceitos, diferencia norma normal da norma normativa, traz conceitos a respeito da norma culta, aborda definições também do autor Evanildo Bechara e sua concepção acerca da gramática normativa. Bagno, ao falar da norma culta, acredita ser uma forma idealizada da língua, baseada em escritores muito antigos, um modelo abstrato que nada tem a ver com a língua do português brasileiro atualmente. Elenca definições da norma culta sob uma percepção normal e normativa, evidenciando suas diferenças em uma tabela muito bem elaborada. Em sequência, retoma conceitos da norma padrão, evidencia os termos variedade urbana de prestígio (VUP) e as variedades urbanas estigmatizadas (VRE); fazendo um arremate de todas suas teorias em um único texto.

No texto de número oito, Bagno fala sobre o “Hibridismo de normas e tradução”, desenvolvendo um percurso que se inicia no normal até ao normativo, descrevendo sobre a codificação de hábitos, costumes, regras e leis, lembrando que esse percurso não é tratado de forma coerente por parte da gramática e dos dicionários. Traz, ainda, vários exemplos contemplados pela norma híbrida, assim como exemplos na prática de tradução. Conclui que o hibridismo de normas ocorre em culturas letradas com tradição normativa e conservadora.

No texto nove, “Língua de Índio na Noruega”, Bagno afirma que a estrutura das línguas não tem absolutamente nada a ver com o maior ou menor grau de desenvolvimento de um país. O preconceito e o racismo permeiam os rótulos primitivos. Esse racismo leva muitos brasileiros a acreditarem que línguas faladas por um

determinado povo, de determinada forma, seja “língua de índio”. Felizmente, a Linguística não alimenta esta ideia preconceituosa de língua primitiva.

Neste texto, Bagno retoma também a questão da morfologia rica e pobre, e demonstra conceitos e exemplos que definem bem quando e por que essa morfologia é classificada de tal forma.

O texto dez “Tradução espelho da mudança? Mafalda responde”, o autor põe ênfase em conceitos e exemplos do Português Brasileiro e do Português Europeu, realizando um passeio por todo o contexto histórico que prende totalmente a atenção do leitor. Para fundamentar sua exposição, Bagno fala sobre línguas de outros países e o contexto histórico de cada uma dessas línguas, objetivando evidenciar ao leitor como ocorreram as mudanças linguísticas dessas línguas. O espelho que intitula o texto trata dos gêneros textuais também abordados neste texto, que operam representando a oralidade que reflete, de alguma forma, na escrita.

No texto onze, “A feia tirania e a manha vergonhosa: a próclise e a língua de Camões”, o autor apresenta vários exemplos, contemplando a próclise, a ênclise e a mesóclise. Faz uma crítica aos livros didáticos e ao modo como esses trabalham com informalidade ou coloquialidade a norma culta ou padrão. Enfatiza que relacionar o português brasileiro à língua de Camões é um discurso conservador, como se um modelo utilizado há 500 anos valesse como modelo para a língua contemporânea.

Já no texto doze, “A africanidade do português brasileiro”, o autor traz à tona o apagamento da africanidade no português brasileiro, condição bem incoerente, visto que a maioria da população brasileira é composta por negros e pardos; é como se houvesse uma negação do impacto africano sobre a formação do português brasileiro. Bagno rebate ser fundamental o conhecimento da história da escravidão para os estudos da formação do português brasileiro.

No décimo terceiro texto “O que ensinar? O que não ensinar?”, Bagno responde às perguntas que muitos profissionais da Educação já se fizeram, o que ensinar e o que não ensinar e como? Ele inicia o texto enfatizando que a função da escola é ensinar aquilo que as pessoas não sabem e, para Bagno, todo brasileiro conhece a gramática de sua variedade do português brasileiro. O autor trata do confronto existente entre a tradição gramatical e o vernáculo geral brasileiro. De modo simples e atrativo, Bagno demonstra como seria a maneira ideal de se ensinar os fenômenos gramaticais de uma

escrita mais monitorada, que merecem um tratamento adequado na educação linguística. Foca na categoria gramatical do verbo, demonstrando quadros comparativos entre a tradição gramatical e o vernáculo geral brasileiro em conteúdos de conjugação verbal, regência verbal, no modo subjuntivo, imperativo e tempos verbais restritos à escrita monitorada, todos com quadros enfatizando, conforme seu entendimento, o que ensinar e o que não ensinar em cada um desses conteúdos. O texto é riquíssimo e muito esclarecedor; é extremamente importante essa leitura para mudar os olhares acerca de como ministrar esses conteúdos em sala de aula.

No texto quatorze, chamado justamente “Que é uma língua?”, retoma-se a ideia do ponto de vista que cria o objeto, ou seja, neste momento, o autor foca na língua como objeto e demonstra por que é impossível separar o fenômeno língua daquilo que é natureza e cultura e social; e o quanto de ideologia política existe até mesmo nas correntes teóricas que tentam apagar o social e cuidar somente da língua como estrutura. O autor faz um percurso histórico, chamando a atenção, principalmente, para os nomes que as línguas receberam ao longo do tempo e recebem ainda nos dias de hoje. É neste texto que o autor apresenta um conceito claro sobre língua.

No último texto, “Quando surge uma língua nova?”, o autor retoma discussões feitas por todo seu percurso enquanto pesquisador e mostra por que considera que é possível que brasileiros e portugueses falem duas línguas diferentes. É levantada toda uma questão política e histórica, para se pensar numa política linguística que envolva esses dois povos, pois, segundo Bagno, são os falantes, tanto brasileiros quanto portugueses, que devem decidir se falam uma língua diferente ou não.

Para concluir, o autor fecha sua obra com uma crônica belíssima intitulada como: “As cinco últimas palavras”, uma leitura rica e prazerosa que vale a pena ler. Nessa crônica, aborda uma experiência pessoal diante do enigma de uma frase que ninguém conseguia traduzir e que o instigou à busca por um significado. Quer saber o final dessa crônica? Leia você mesmo essa obra e navegue por saberes e lições magníficas que a obra oferece ao leitor.

Objeto Língua, de Marcos Bagno, é um excelente caminho a ser percorrido, com textos voltados para a questão da língua, linguagem, política linguística, dentre outros. Leitura de fácil entendimento, os textos se complementam; alguns repletos de conceitos e exemplos que tornam a leitura um pouco mais densa, mas não menos prazerosa.

Bagno tem um jeito todo especial de organizar seus textos, como efeito cascata, uma teoria complementando a outra, um texto retomando o outro, como se todo o conhecimento fosse sendo oferecido delicada e simultaneamente, favorecendo seu fácil entendimento.

Enfim, a obra é composta por um material riquíssimo, uma leitura esclarecedora para todos os acadêmicos e profissionais da grande área de Letras, aos demais profissionais da área da Educação e um presente aos apaixonados pela Sociolinguística.

Recebido em: 28/05/2020

Aceito em: 10/07/2020